

Um relato de bolsista de extensão no Programa Formações Complementares em Flauta Doce¹

Sabrina Juliana Schneider², Cláudia Schreiner³

RESUMO

O texto traz um relato sobre a participação no Programa Formações Complementares em Flauta Doce, vinculado à Extensão do IFRS *Campus* Porto Alegre. Serão apresentados os objetivos do Programa e alguns resultados obtidos até o momento, bem como uma percepção de ouvinte e de bolsista sobre os encontros realizados. Esse Programa, realizado de junho a dezembro de 2022, foi composto por diversas ações, virtuais e presenciais, relacionados a temas musicais e aspectos históricos do instrumento, bem como seus usos na música em geral. Aqui discorre-se sobre a necessidade de se debater sobre aspectos do instrumento flauta doce, que possam agregar conhecimento tanto a amadores como a profissionais da área, assim como criar espaços de prática de conjunto.

Palavras-chave: Educação Musical. Flauta Doce. Curso Técnico em Instrumento Musical.

Introdução

Sou estudante do Curso Técnico em Instrumento Musical do IFRS, *Campus* Porto Alegre, e estudo Flauta Transversal. Sou graduada em Letras pela UFRGS e trabalho como professora de Inglês no município de Viamão. No final de 2022, atuei como bolsista de extensão do Programa Formações Complementares em Flauta Doce, desenvolvido no IFRS *Campus* Porto Alegre. Neste relato, contarei

¹ Programa de Extensão Formações Complementares em Flauta Doce, 2022.

² Estudante do Curso Técnico em Instrumento Musical do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), *Campus* Porto Alegre. sabrinasnneider666@gmail.com

³ Mestre em Música, docente da área de Música e Artes no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), *Campus* Porto Alegre. claudia.schreiner@poa.ifrs.edu.br

um pouco da minha trajetória pessoal na área da música e a atuação como bolsista no Programa de Extensão.

Entrei na instituição pela primeira vez em 2016, para estudar a Flauta Doce. No entanto, naquela ocasião, concluí apenas duas disciplinas de Prática Vocal. Tranquei o curso no início do ano seguinte, pois tive bebê e passei a me dedicar (quase exclusivamente) à maternidade. Ainda assim, durante a gestação, apesar de não ter concluído, eu frequentei aulas de Teoria Musical I e Flauta Doce I no IFRS, quando tive um contato inicial com o instrumento.

A Música nunca saiu da minha vida. Eu continuei a praticar em casa, a assistir a videoaulas, a improvisar com amigos, além de participar de uma interessante oficina livre de Instrumentos de Sopro, organizada pelo Professor Zé do Trumpete, na Casa de Cultura Mário Quintana. Ora eu tocava flauta doce, ora flauta transversal, mas sem aprofundar-me nos estudos de nenhuma delas.

Em 2020, quando minha filha já estava na Educação Infantil, eu voltei a estudar no IFRS. Dessa vez, me matriculei no novo curso técnico em Flauta Transversal. Pandemia, videoaulas e um grande esforço em aprender fizeram parte desta retomada de vida acadêmica.

Passados os primeiros anos da pandemia da Covid-19, retomamos as aulas presenciais no início de 2022. Foram praticamente as minhas primeiras aulas não-virtuais com a professora Cláudia Schreiner, já que em 2020 tivemos apenas dois encontros no *campus* (e muita atividade online!). Posso dizer que o momento de retomada foi incrível: ouvir as flautas soando juntas, ter movimentos avaliados pela professora, conhecer mais exercícios, tudo muito novo e importante para se tornar uma flautista.

Sobre o Programa Formações Complementares em Flauta Doce

Com a retomada das aulas presenciais, houve efervescência de novas ideias. A professora Cláudia Schreiner comentou sobre uma possível ação de extensão de flauta doce, ideia que ela estava gestando com a professora e flautista Greizi Kirst. Inicialmente, já me interessei em participar como ouvinte, mesmo sem ter o hábito de tocar flauta doce. Acho o som muito bonito e a considero um instrumento essencial para o ensino de Música.

Foi criado então o **Programa Formações Complementares em Flauta Doce**, que previa vários encontros virtuais (ainda estávamos com restrições de distanciamento e uso de máscaras) e a possibilidade de realizar reuniões presenciais, para experienciar a prática com as flautas doces em algum espaço arejado do *campus* Porto Alegre, além de uma Semana de Encerramento, com diversas atividades presenciais, inclusive recitais. Alguns dos objetivos do Programa eram propiciar aos participantes, tanto profissionais como amadores, um espaço de aprofundamento de estudos sobre a flauta doce, bem como manter contato com estudantes egressos do Curso Técnico em Instrumento Musical, oferecendo complementação aos seus estudos, e conhecer interesses da comunidade em relação à flauta doce.

Particpei da seleção de bolsistas, ficando como suplente em um primeiro momento. Os encontros iniciaram em junho e assisti a maioria deles. Meu interesse principal em participar como ouvinte era aprender a utilizar a flauta doce para o ensino de música, por ser um instrumento relativamente mais acessível financeiramente do que outros. Como professora de inglês, busco utilizar atividades musicais para diversificar a metodologia em sala de aula. Além disso, vários estudantes me procuram para aprender a cantar ou tocar algum instrumento. Assim, eu procurava um método de ensino para compartilhar com meus alunos do 6º ao 9º ano, adaptando à realidade da escola onde trabalho, que tem cerca de 15 flautas doces novas disponíveis, porém não utilizadas.

Alguns dos métodos de ensino citados no Programa foram os livros da coleção “Vamos tocar flauta doce?”, de Helle Tirlir (1970), e “Pedrinho toca Flauta”, de Isolde Mohr Frank (1980), ambos voltados à iniciação musical através de cantigas infantis populares. No entanto, durante os encontros, analisou-se que se faz necessária uma atualização e divulgação de novos métodos, já que aqueles citados foram publicados em outro contexto histórico e cultural, ou seja, algumas das cantigas consideradas populares na época já não são conhecidas pelas crianças de agora. Esta foi uma das demandas percebidas através da realização do Programa.



📌 **Figura 1.** Card de divulgação do Programa. **Fonte:** Elaborado pelo autoras (2022)

Os encontros virtuais contemplaram diversos aspectos sobre o instrumento, apresentados pelas professoras, além de alguns convidados especialistas na área. No total, foram 10 encontros, sendo 8 virtuais e 2 presenciais:

1. Conhecendo a Flauta Doce: História e Contextos;
2. Como funciona a Flauta Doce? (apresentação sobre a acústica da flauta doce, relacionando o funcionamento do instrumento com a técnica de execução);
3. Vamos tocar flauta doce? Encontro presencial para a prática de conjunto;
4. Repertório para Flauta Doce;
5. Repertório para Flauta Doce – professor convidado Bernhard Sydow;
6. Prática de repertório (encontro presencial);

7. Espaços de Formação em Flauta Doce - professoras convidadas: Keliezy Severo, Lucia Carpena e Walkiria Morato;
8. Roda de conversa entre os participantes do Programa;
9. A Flauta Doce no Brasil: breve histórico da flauta doce no Brasil, apresentando indícios de seu uso nos séculos XVI e XVII e percorrendo a trajetória do instrumento no século XX até a atualidade - professora convidada: Patrícia Michelini;
10. A Flauta Doce no Choro: possibilidades de uso do instrumento.

Nos encontros, conheci várias pessoas apaixonadas pela música, algumas flautistas, outras, que tocam outros instrumentos ou são professoras e/ou estudantes da área. Todas as trocas ali vividas foram muito proveitosas e o conhecimento adquirido está ajudando a me tornar uma boa professora de música e musicista.

No início do mês de outubro, assumi a bolsa de extensão do Programa porque a Clara Romero Tosi (a pessoa que era bolsista até então) pediu desligamento para ingressar em outro projeto. Ainda assim, Clara continuou como discente voluntária e eu entrei na equipe formada por ela e as duas professoras, Cláudia e Greizi.

Como bolsista, eu pude auxiliar na organização da Semana de Encerramento. Ao assumir a bolsa de extensão de outubro a dezembro, além de estar por dentro do grupo organizativo dos encontros, eu pude aprender mais sobre como funciona um Programa de Extensão do Instituto Federal, e as diferentes formas de ações, projetos, programas, cursos e eventos da Extensão.

Para a Semana de Encerramento, a equipe planejou convidar o flautista e professor Alfredo Zaine, do curso de Licenciatura em Música da UNESP, para oferecer *masterclasses* durante a programação, bem como participar dos ensaios do conjunto de flautas doces e recitais previstos.

Alguns resultados do Programa

Cada encontro gerou uma planilha de dados a partir de formulários de avaliação e presença, nos quais se perguntou qual era a experiência com flauta doce de cada participante, a cidade de onde assistia, sugestões de temáticas para próximos encontros e uma breve avaliação do encontro específico e do Programa como um todo. Essas planilhas ainda estão em análise até o momento de escrita deste texto. As respostas dos formulários foram uma ferramenta importante de avaliação dos encontros e do programa, permitindo à equipe avaliar a pertinência e interesse pelos temas, o formato dos encontros, o tipo de abordagem, a acessibilidade das informações, além de auxiliar na escolha dos temas. Como resultados preliminares, posso citar:

- a. Em média, os encontros virtuais tiveram de 5 a 17 participantes, além da equipe organizativa.
- b. Algumas das cidades dos participantes do Programa são: Porto Alegre (RS), Eldorado do Sul (RS), Viamão (RS), Canoas (RS), Santa Vitória do Palmar (RS), Balneário Pinhal (RS), Curitiba (PR), Santo Antônio da Platina (PR), São Paulo (SP), Santo Amaro (BA), Capim Grosso (BA), Juazeiro do Norte (CE), Crato (CE), Waukesha (EUA), entre outras.

- c. As idades dos participantes (que responderam ao formulário) variaram entre 16 e 49 anos.
- d. A experiência com flauta doce variou bastante, sendo que tivemos respostas de participantes que já tocam o instrumento desde a infância, outros iniciaram na idade adulta; alguns que são amadores, outros que são profissionais ou trabalham em alguma atividade relacionada ao ensino de Música; assim como aqueles que não tocam nenhum instrumento, mas participaram pela experiência de apreciar a Flauta Doce e conhecer mais de sua História.
- e. Quanto às avaliações, trago alguns exemplos de participantes que comentaram que o Programa é uma ótima forma de divulgar mais este instrumento, que os conhecimentos teóricos adquiridos refletem na prática musical, e que puderam conhecer outras possibilidades de trabalho com flauta doce.
- f. Algumas sugestões de temas para a continuidade do Programa foram: composições e arranjos atuais para a flauta e a pesquisa acadêmica no século XXI; instrumentos semelhantes ou próximos à flauta doce; propostas de estudo sistemático interpretativo para flauta doce; estudo de tratados históricos para prática de instrumento; principais técnicas de flautistas para peças italianas, francesas e modernas; ornamentação em diferentes períodos; roda de conversa sobre construção e manutenção da flauta doce; prática em escolas regulares e em conservatórios; a prática da flauta doce; cursos técnicos em flauta doce no Brasil.

Tomando como exemplo a avaliação de um participante que considerou o encontro sobre repertório “*Bastante interessante para quem gosta do instrumento ou trabalha com o mesmo lembrando aspectos simples da flauta doce, porém importantes*”, podemos refletir sobre a necessidade de programas como as Formações Complementares, pois o estudo de Música precisa de prática e um constante diálogo com outros músicos para se manter atualizado. Tanto no sentido de lembrar o que foi aprendido anteriormente, quanto para apresentar novos aspectos do universo da flauta doce, o Programa serviu como uma grande roda de conversa com muito conhecimento, que possibilitou aos participantes ampliar as perspectivas sobre o instrumento.

Outro exemplo que eu gostaria de relatar é o encontro com a professora Patrícia Michelini, pesquisadora de História da Música no Brasil, que trouxe muitas informações interessantes sobre a História da flauta doce, nas missões jesuíticas, nos séculos XVI e XVII. Achei legal aprender sobre a perspectiva das missões que usavam a música como meio de chamar a atenção dos indígenas para as missas. Ainda que pouco se tenha mantido como registro daquele período, Patrícia buscou em textos antigos as informações para sua tese e compartilhou os processos históricos pelos quais a Flauta Doce foi inserida no Brasil. Chama a atenção as nomenclaturas usadas na época para a flauta (“gaita”) e a troca de saberes indígenas com os jesuítas, inclusive de instrumentos originários, mas que infelizmente não tiveram registros preservados.



↑ **Figura 2.** Masterclass na Semana de Encerramento Programa Formações Complementares em Flauta Doce: apreciação de conjunto de flautas doces. **Fonte:** Próprias autoras (2022)

A Semana de Encerramento do Programa foi realizada entre os dias 29 de novembro a 02 de dezembro de 2022. Estavam previstas as *masterclasses* com o professor Alfredo Zaine durante as manhãs, ensaio do conjunto de flautas e oficinas de prática coletiva com os participantes nas tardes, além de dois recitais nas noites de 30 de novembro e 01 de dezembro. As atividades ocorreram no saguão do Espaço Prelúdio e no Átrio do *Campus* Porto Alegre do IFRS e foram excelentes para troca de experiências entre flautistas amadores e profissionais. No entanto, infelizmente, os concertos das duas noites tiveram que ser cancelados pois um dos músicos testou positivo para Covid-19.



↑ **Figura 3.** Recital de Encerramento no Átrio do Campus Porto Alegre: Cláudia Schreiner e Jhosana Lima. **Fonte:** Próprias autoras (2022)

Conclusão

Em resumo, o Programa Formações Complementares em Flauta Doce trouxe uma experiência relevante na minha jornada acadêmica, bem como possibilitou aprender mais sobre o instrumento que inicialmente me levou a estudar Música formalmente em uma instituição de ensino. Como eu afirmei antes, a Música sempre esteve presente em minha vida, mas estudar em um curso bem qualificado e com professores dedicados e atenciosos é uma vivência que faz toda a diferença. O que antes era um passatempo, hoje ocupa um grande espaço na minha rotina, na qual eu inseri mais horas de prática musical semanais, com exercícios mais conscientes de todo o processo de respiração, articulação, ritmo, fluência e sonoridade. Ser bolsista de extensão me deu uma visão mais ampla sobre o IFRS e a Flauta

Doce, sobretudo no planejamento da Semana de Encerramento do Programa, pensando desde a divulgação virtual e de cartazes pelo *campus*, a preparação do espaço para os ensaios e *master-classes*, a organização das presenças, a estruturação dos horários e a divisão de tarefas entre a equipe organizativa.

Minha participação como bolsista auxiliou para que eu possa iniciar uma oficina de flautas doces na escola onde trabalho, observando os métodos compartilhados no Programa. As experiências relatadas pelos palestrantes e outros participantes em relação à Educação Musical fazem com que eu tenha um ponto de partida, tanto para aprimorar a minha performance, quanto para ensinar novos flautistas. Espero que o Programa continue e assim mais pessoas possam se apaixonar pela música, seja de forma profissional ou amadora.